

In Gomes, W. B., Gauer, G. & Souza, M. L. (2007). História da Psicologia.

(manuscrito em preparação, especialmente cedido para fins de ensino,  
proibida a reprodução não autorizada)

## DEBATES EPISTEMOLÓGICOS ENTRE EMPIRISTAS E RACIONALISTAS - II

Gustavo Gauer

Universidade Federal do Rio Grande do Sul

### Crescimento do empirismo, do associacionismo e do materialismo.

No capítulo anterior investigamos as diferentes idéias sobre a vida mental e sobre o acesso ao conhecimento verdadeiro concebidas no debate entre racionalistas e empiristas europeus. Tal debate foi ensejado principalmente pelas revoluções científicas e pela ascensão do cartesianismo como tendência filosófica dominante na Europa. Descartes priorizava a razão como fonte do conhecimento verdadeiro, e essa posição tanto teve seguidores quanto provocou reações anti-racionalistas, como o empirismo de Locke. Assim, a dicotomia que pautou o pensamento filosófico e científico deste período dizia respeito à primazia da razão ou da experiência como fonte do conhecimento que temos do mundo externo e de nossos próprios estados internos.

O embate entre racionalismo e empirismo corresponde a uma disputa entre duas abordagens da lógica da explicação científica (Brett, 1963). O método racionalista de acesso ao conhecimento consiste tipicamente no respeito à lógica dedutiva. De acordo com essa orientação, a verdade é conhecida através de uma argumentação formal que parte de certas premissas consideradas auto-evidentes. O conhecimento, assim, emerge de um movimento popularmente conhecido como “do geral para o particular”. Por outro lado, a orientação empirista privilegia a lógica indutiva. O conhecimento verdadeiro somente pode partir dos dados da realidade que se nos apresentam aos sentidos, e esse movimento é popularmente conhecido como “do particular para o geral”. Esse conhecimento tem origem na observação sistemática das regularidades dos fenômenos, e as conclusões são fundamentadas em uma premissa de que a natureza apresenta uma regularidade nas relações de causa e efeito entre os objetos.

Essas duas tendências – indução e dedução – dificilmente seriam identificáveis como “tipos puros” na maioria dos estudos científicos que conhecemos hoje. Ainda mais difícil seria produzir conhecimento válido com base em apenas uma delas, ou seja, sem que ambas as lógicas sejam contempladas. Na prática, obras como as de Hume e Kant, que criticarão tanto o racionalismo quanto o indutivismo, esclareceram que não há uma lógica unívoca e infalível de raciocinar cientificamente e produzir conhecimento. Outrossim, no decorrer da história do pensamento ocidental, observamos a prevalência de uma ou outra das lógicas em determinados períodos e em determinados contextos regionais. No Século XVIII, essas tendências foram ativamente debatidas por autores da área da filosofia preocupados com a natureza humana e o entendimento do mundo.

Enquanto a orientação racionalista prevalecia através da influência cartesiana sobre a filosofia da Europa continental, a vertente empirista de pensamento foi reforçada pelos sucessos experimentais de Isaac Newton na Física, e pela influência empírica e associacionista de Locke nas filosofias inglesa e francesa (Hearnshaw, 1987). Nestes dois países, as idéias de Newton e Locke resultaram no desenvolvimento de correntes que radicalizam alguns dos seus postulados, não apenas na área do debate filosófico, mas também no campo da aplicação do método experimental aplicado aos estudos fisiológicos (a serem apreciados no capítulo 14). Na Alemanha, apesar do racionalismo predominante na filosofia, o empirismo também teria grande influência. Por exemplo, sabe-se que Kant entendia que sua obra era uma tentativa de aproximação entre o racionalismo de Wolff e o empirismo do inglês David Hume, cuja abordagem anti-racionalista apreciaremos neste capítulo. Mais que isso, veremos que foi na própria Alemanha, e não em outro país, que a psicologia assumiu definitivamente um caráter de ciência empírica e experimental, a partir da própria fisiologia experimental e do trabalho de pesquisadores que aproximarão psicologia e física, como Helmholtz e Fechner.

Este capítulo trata especialmente daquelas tendências formadas na Inglaterra e na França ao longo do século XVIII: o associacionismo, o empirismo e o materialismo. Elas derivam do empirismo de Locke e do

sucesso experimental da Física newtoniana e, em geral, contestavam o racionalismo cartesiano. O associacionismo, prenunciado por Locke, foi aprofundado por Hume e Hartley, que pretendiam que as leis da associação das idéias tivessem o mesmo poder explicativo para a mente que tinham as leis de Newton para o universo físico. O empirismo, que perpassava o “espírito da época” e orientava os pensadores para a primazia da experiência na aquisição do conhecimento, foi radicalizado em concepções como as do próprio Hume e do francês Condillac. O materialismo, defendido sobretudo pelos franceses Cabanis e La Mettrie, via todos os fatos, inclusive os fenômenos mentais, como diretamente dependentes de processos físicos, podendo ser inclusive reduzidos a estes últimos, descartando-se as noções de alma e de intervenção divina<sup>1</sup>. Embora nem sempre haja conexões diretas entre as idéias destes filósofos e o trabalho dos primeiros psicólogos experimentais, a preocupação com os processos mais simples, como as sensações, pautará o surgimento da “nova psicologia” prenunciada pelos fisiologistas Müller, Helmholtz e Fechner. Ressaltamos, por exemplo, que as teorias empíricas da percepção visual dominarão as explicações desses autores sobre a aquisição das noções de distância e perspectiva.

### A psicologia das faculdades

Um tema relevante para a discussão sobre a natureza da psique é a psicologia das faculdades, que inicia o capítulo. A psicologia das faculdades foi uma tendência popular até o século XVIII, e gerou várias iniciativas de classificação das atividades mentais. Um dos problemas centrais dessa concepção é o contraste entre a unidade da alma pregada pelo cartesianismo, e a visão da mente partida em um certo número de poderes essencialmente independentes, de onde emanam as atividades e os pensamentos. Progredindo nesta discussão, assume-se que, longe de serem unidades essenciais e si mesmas, as faculdades consistem em critérios de classificação da atividade mental, aceitáveis apenas como auxiliares no entendimento do funcionamento psicológico.

O conceito de faculdades da alma remonta a Platão e Aristóteles, e consiste na tentativa de classificação das atividades da alma e de seus princípios (Abbagnano, 2000). As classes assim definidas dão origem às chamadas faculdades. A distinção aristotélica das faculdades, que foi respeitada durante vários séculos, previa três níveis para a alma: vegetativa, sensível e intelectiva, esta última subdividida em apetitiva (vontade) e contemplativa (intelecto). Após Descartes, as partes não-intelectivas foram suprimidas, visto que a alma passou a ser tida como estritamente racional, permanecendo a divisão entre intelecto (igualado por Descartes às ações da alma) e vontade (correspondente às paixões).

Duas orientações do entendimento das faculdades podem ser identificadas. Por um lado, uma concepção de que as faculdades são unidades essenciais em si, de onde emanam a atividade e as capacidades de conhecer, sentir, e assim por diante. De outra parte, diversos autores apontam que as faculdades são apenas critérios de tipologia, ou seja, princípios de classificação das atividades mentais, atribuídos a posteriori (Abbagnano, 2000).

O entendimento da mente por meio da divisão em faculdades consolidou-se no século XVIII através de pensadores alemães (Johann Tetens e Christian von Wolff) e britânicos (os escoceses Thomas Reid, Sir William Hamilton e Thomas Brown, e o inglês Alexander Bain). A psicologia das faculdades implicava na identificação de um certo número de “poderes” da alma, distintos e independentes uns dos outros. Esses poderes poderiam ser ainda entendidos como capacidades ou propensões. As faculdades assim divididas eram agrupadas, ou resumidas, em um pequeno número de categorias, em geral três<sup>2</sup>. Outrossim, autores da escola escocesa, a partir de Thomas Reid (1710-1796), identificaram algo como 37 poderes e propensões da mente. Essa lista seria assimilada por Gall em sua frenologia, onde cada faculdade era identificada com uma região especial no cérebro (ver capítulo 16).

O filósofo alemão Christian Wolff (ver seção específica dedicada a ele a seguir neste capítulo) arrolou inúmeras faculdades, classificadas hierarquicamente em função da sua complexidade. Outro alemão, Johann Tetens, classificou as faculdades em três grupos: cognitivas, afetivas e conativas. Contudo, as faculdades para Tetens não eram entidades com existência independente, mas sim expressões de uma única receptividade espontânea da mente (Hilgard, 1980). Essa classificação retomava a taxonomia aristotélica, e veio a ser assimilada por diversas teorias psicológicas. Em tempos atuais, a divisão proposta por Tetens aparentemente tem sido confirmada pela identificação de níveis de organização do sistema nervoso, realizada

---

<sup>1</sup> Como se verá a seguir, essa orientação relaciona-se de forma *sui generis* com o dualismo cartesiano: os materialistas franceses assumiam o mecanicismo de Descartes; contudo, estendiam-no à realidade psicológica, o que seria impossível para Descartes, para quem a alma era uma substância imaterial.

<sup>2</sup> Hilgard (1980) realizou um apanhado histórico no qual identifica a renitência da chamada “trilogia da mente”, presente nas obras de Tetens, Kant e Bain, entre outros.

através de experimentos neurofisiológicos (Hearnshaw, 1987). A classificação de Tetens foi assumida por Kant nas suas críticas.

Kant reconhecia três divisões da mente, absolutamente irreduzíveis, quais sejam conhecimento (cognição), sentimento (afeto) e desejo (volição, ou conação), sendo este último desdobrado em um senso de prazer e desprazer. De fato, essas três faculdades corresponderiam às três razões consideradas por Kant em sua “fase crítica”: razão pura equivale a cognição; razão prática a conação; e julgamento a afeto (Hilgard, 1980). Entretanto, deve-se ressaltar que o conhecimento para Kant depende da apercepção, uma consciência sintética que precede tanto os dados das intuições quanto a representação dos objetos (Hearnshaw, 1987), e que Kant entendia essas três faculdades mais como atividades, ou funções mentais, do que como unidades independentes (Ferrater Mora, 2001).

A psicologia das faculdades sofreu inúmeras críticas até que foi virtualmente abandonada no final do século XIX. Além da incompatibilidade com o associacionismo, que já foi comentada, ressaltam-se as críticas de Herbart. Por fim, o ponto de vista evolutivo inviabilizou a concepção de faculdades independentes: ao observar o comportamento como processo adaptativo, é imprescindível considerá-lo como uma totalidade.

A doutrina das faculdades como propensões da mente era oposta ao empirismo radical de Locke, que concebia a mente como tabula rasa, na qual as impressões do mundo eram inculcadas da forma como se apresentavam ao sujeito. Embora preferisse não falar em faculdades, Locke reconhecia as forças (powers) da vontade e do intelecto na transformação do espírito.

Por sua vez, Herbart criticou o conceito de faculdade mental, apontando que ele não passa de um critério de ordenamento dos fenômenos psíquicos, formulado a partir da observação dos mesmos. As faculdades, assim, não corresponderiam a quaisquer princípios essenciais distintos, mas sim a categorias atribuídas a posteriori como um mero critério de classificação das atividades mentais. Nesse sentido, Herbart propunha uma classificação das atividades mentais, abrangendo desde as mais primitivas, tais como instintos e apetites, encontradas nos animais, até a inteligência e a vontade racional (Brett, 1963). A divisão principal de Herbart é entre atividades inferiores e superiores, e a cada uma delas corresponde um tipo de sentimento e uma forma de desejo. Atividades inferiores apresentam-se como memória (sentimento de dor e apetites) e imaginação (sentimento de prazer e desejo como instinto). As superiores são juízo (sentimento moral e desejo como paixão) e inteligência (sentimento artístico e desejo como vontade racional). Herbart negava que as divisões da alma fossem faculdades, mas reconhecia forças que emanavam das idéias. Essas forças surgiam quando as idéias resistiam umas às outras no intuito de ocupar espaço na consciência<sup>3</sup> (Hearnshaw, 1987). Apesar de críticas como essas (ou por causa delas), os defensores das faculdades em geral reconheciam o caráter abstrato da divisão da alma em partes (Abbagnano, 2000).

A visão de uma mente dividida em partes essencialmente independentes contraria a noção de unidade da atividade mental. Embora esta última fosse assumida desde Descartes, essa unidade seria sistematicamente formulada após a teoria da evolução, e sistematizada pelas escolas psicológicas funcionalista, behaviorista e gestaltista (ver, por exemplo, Edward Lee Thorndike, capítulo 15). Na prática, desde o final do século XIX, o conceito de faculdade tem sido usado simplesmente como um nome coletivo para uma determinada classe de atividades psíquicas (Ferrater Mora, 2001). Este é o caso quando se usa atualmente denominações como faculdades da memória, ou faculdade da imaginação para esses grupos de processos cognitivos.

Outro estudioso alemão que abordou as faculdades mentais foi Friedrich Eduard Beneke (1798-1854), contemporâneo e correspondente de Herbart, foi professor de filosofia em Berlim e Göttingen. Diferentemente de Herbart, que procurava basear a psicologia na matemática, Beneke pretendia reduzir a psicologia à fisiologia. Ele desenvolveu um sistema de faculdades primordiais, equivalentes a predisposições inatas. A psicologia, segundo Beneke, deveria ocupar-se da experiência no curso da vida, centralizada no homem adulto porém levando em conta a infância e os casos patológicos. Beneke entendia que os indivíduos são infinitamente distintos em suas vidas mentais (Brett, 1963), portanto as atividades de cada um estão determinadas, desde o nascimento, por disposições inatas, e estas seriam as faculdades primordiais. Essas faculdades são reduzidas a um número mínimo: sensibilidade, movimento e os objetos constituídos através da repetição das experiências.

### Grã-Bretanha: entendimento e natureza humana

---

<sup>3</sup> Esta formulação de Herbart é costumeiramente identificada como tendo uma influência relevante na teoria psicanalítica freudiana (ver capítulos 12 e 16).

Estes são os títulos de algumas obras filosóficas britânicas escritas ao longo de 115 anos, entre 1650 e 1785, por seis diferentes autores<sup>4</sup>: *Natureza Humana*, *Um ensaio acerca do entendimento humano*, *Tratado dos princípios do entendimento humano*, *Investigação acerca do entendimento humano*, *Investigação da mente humana*, *Ensaio sobre os poderes intelectuais do homem*, *Observações sobre o homem*. Por mais superficial que possa parecer uma análise dos títulos de livros, esta lista deixa clara uma orientação duradoura da filosofia britânica no sentido de um esforço pelo entendimento do sujeito cognoscitivo<sup>5</sup>. Outrossim, veremos que essa preocupação adquiriu, na tradição britânica, um forte viés empirista e associacionista, em detrimento de uma visão racionalista segundo a qual a fonte do conhecimento verdadeiro seria a razão atemporal.

Recuperando as informações do capítulo anterior, lembraremos que a obra de John Locke (1632-1704) ocasionou uma abordagem empírica da psicologia. Locke sistematizou a noção da mente como um papel em branco (equivalente à tabula rasa de Aristóteles), no qual as idéias, provenientes exclusivamente da experiência dos sentidos, seriam registradas. Contrário ao racionalismo, esse princípio é resumido na expressão latina *nihil in intellectu nisi prius in sensu*, ou seja, não há nada no intelecto que não tenha previamente estado nos sentidos. Para Locke, os objetos do mundo têm qualidades primárias, inerentes aos objetos, e secundárias, atribuídas aos objetos pelo sujeito cognoscente (Ayers, 2000). Outro empirista inglês, George Berkeley (1685-1753), entendia que a repetição de uma conexão transforma-se num sinal, a partir do qual capacidades como a percepção de espaço e de distância seriam aprendidas. Esta é, portanto, uma teoria empírica da percepção, segundo a qual as habilidades em questão são adquiridas através da experiência, e não propriedades inatas da mente.

Os desenvolvimentos associacionistas de Hume, Hartley e Reid, a partir das idéias empiristas de Locke e Berkeley, visavam a investigar a natureza humana com base na consideração da atividade cognoscitiva do sujeito. Mais especificamente, segundo a orientação empirista, todo o conhecimento advém da experiência dos sentidos. Os avanços a seguir apreciados defenderão que as associações entre os estímulos e as sensações e entre as qualidades dos objetos e as idéias e imagens a eles referentes também são regidas pela força do hábito. Radicalizando essa visão, Hume chegará a declarar que é impossível afirmar que haja relações causais entre os objetos do mundo, e que as causas que identificamos, por mais evidentes que pareçam, são meras crenças, que assumimos em virtude da repetição de certas seqüências de eventos.

### **David Hume (1711-1776)**

David Hume, filósofo, historiador e economista escocês, reagiu ao racionalismo com uma teoria empirista das associações de idéias. Em uma das obras mais influentes da história da filosofia, o “*Tratado da natureza humana*”, Hume (1791/2002) empreendeu uma tentativa intencional de aplicar o raciocínio experimental aos assuntos morais. Motivado pelos avanços de Newton, ele pretendia formular uma lei de associação que explicasse a mente assim como a lei da gravitação explicava o universo (Quinton, 1999).

Refinando o conceito lockeano de idéia, Hume apontou para a diferença entre as impressões, que são os elementos básicos da vida mental cujo conteúdo provém da sensação dos objetos presentes, e as idéias, elementos de aparência menos vívida, com os quais o pensamento lida na ausência dos objetos que provocaram as impressões. Nesse sentido, todas as idéias são “cópias” das impressões. Mesmo com esta distinção, o conhecimento em Hume permanece sendo de origem estritamente experiencial, posto que o intelecto não poderia operar com conteúdos que não houvessem passado pelos sentidos em primeiro lugar. A atividade intelectual é limitada pelas leis da associação.

Hume postulou duas leis fundamentais da associação entre idéias e entre impressões: a semelhança e a contigüidade no tempo ou no espaço (Schultz & Schultz, 1992). As possibilidades das leis de associações estabelecem limites para a mente compor, aumentar e diminuir os materiais provenientes dos sentidos e da experiência. Para Hume, portanto, o pensamento não é ilimitado, como aparentaria ser à primeira vista (Herrnstein & Boring, 1971).

---

<sup>4</sup> As obras citadas neste parágrafo são as seguintes: Thomas Hobbes (1650): *Human nature*; John Locke (1690): *An essay concerning human understanding*; George Berkeley (1710): *Treatise on the principles of human understanding*; David Hume (1751): *Enquiry concerning human understanding*; David Hartley (1749): *Observations on man, his frame, his duty, his expectations*; Thomas Reid (1764): *Inquire into the human mind* e (1785) *Essays on the intellectual powers of man*.

<sup>5</sup> Como se verifica no capítulo 16, essa orientação estendeu-se, pelo menos, até o final do século XIX, com os psicólogos comparativos Morgan e Romanes. Diferentemente dos materialistas franceses (contemplados a seguir) e do russo Sechenov (capítulo 14), que tenderiam a eliminar o papel da mente, os comparatistas britânicos procuravam, nos animais, indicadores de uma atividade mental incipiente.

Uma importante porção do viés anti-racionalista humeano decorre da sua abordagem das relações de causa e efeito. Considerando que todas as idéias vêm, em última instância, da experiência, tudo o que temos são aparições que, ao se repetirem, tornam-se habituais. Posto que a causalidade não é auto-evidente, tampouco demonstrável, ela é uma crença: acreditamos que há uma relação entre dois objetos que percebemos freqüentemente (Quinton, 1999; Rosenfeld, 1993). Contudo, não só as idéias e pensamentos, mas também todas as crenças provêm da experiência e da introspecção. Não é possível comprovar leis de causalidade por meio de lógica, nem inferi-las por indução ou dedução, sem que se afirme pressupostos metafísicos adicionais. Ser causa ou efeito não é uma qualidade inerente às coisas. Assumimos que a natureza é uniforme, acreditando que, ao que observamos, subjaz um algo invisível porém semelhante: a causação.

Hume formulou as condições de identificação das causas e efeitos como relações entre coisas: contigüidade, sucessão temporal (uma causa sempre deve preceder o efeito) e conexão necessária. Essas relações, por sua vez, são constituídas com base no costume e na experiência prévia, e são estabelecidas pelo raciocínio. Dessa forma, ressalta que a causalidade não é uma característica essencial dos objetos, mas uma relação que atribuímos racionalmente a objetos que costumeiramente se nos apresentam de uma determinada forma (Hume, 1791/2002).

A suposição de que o evento posterior seja “efeito” de outro, anterior, que é a “causa”, baseia-se numa disposição psíquica, num hábito de associação, produzido por muitas experiências semelhantes. (Rosenfeld, 1993, p.73)

Em Hume, a percepção e as idéias são as únicas premissas da consciência (Bonin, 1991); essa posição tem conseqüências para . O “eu” que aparentemente permanece como ponto de referência no decorrer das nossas experiências pessoais é uma ilusão, consistindo em seqüências e conexões de conteúdos. Se cada experiência é diferente de todas as outras, a relação que une uma série de experiências numa referência da primeira pessoa é um composto de semelhanças e atribuição de causas e efeitos. Assim, é pelo hábito e pela memória que cada um descobre a sua identidade pessoal, não havendo lugar para um “eu” dotado de realidade como qualquer outro objeto. A presença regular do eu, segundo Hume, é da mesma ordem das relações de causa e efeito, resumindo-se à crença que temos numa entidade sem existência auto-evidente.

Hume propõe no seu “Tratado” uma taxonomia das paixões: elas podem ser violentas ou calmas, diretas ou indiretas, e fortes ou fracas). Ele afirma ainda o princípio da inércia da razão – para provocar uma ação do indivíduo, a razão nunca será suficiente, no que dependerá do auxílio de uma paixão que a motive. A moralidade depende da simpatia, posto que vemos as pessoas ficarem felizes ou infelizes e conseqüência dos nossos atos e dos de outros. Para Hume, a justiça é uma instituição artificial criada para tornar possível a convivência em sociedade.

### **David Hartley (1705-1757)**

Dando continuidade à intenção de Hume de encontrar nas leis a associação o equivalente psicológico das leis da gravitação universal, o médico e filósofo inglês David Hartley procurou aplicar o associacionismo à relação entre corpo e alma. O atomismo e a mecânica newtoniana permearam o trabalho de Hartley, que abordou o problema do dualismo identificando “vibrações” nervosas<sup>6</sup> paralelas às associações entre idéias e impressões.

Em sua principal obra, *Observations on man, his frame, his duty, his expectations* (1749), Hartley realizou uma exaustiva descrição dos princípios associativos de Hume, procurando identificar uma base fisiológica para aqueles princípios. Os processos psíquicos, inclusive os mais complexos (raciocínio, memória, etc.) seriam, de acordo com Hartley, mosaicos formados pela combinação dos elementos mais simples e fundamentais do conhecimento – as sensações (Rosenfeld, 1993; Schultz & Schultz, 1992). Quanto às ações voluntárias e involuntárias, localizou as primeiras no cérebro e as segundas na medula e nervos. Combinando as concepções humeana e newtoniana<sup>7</sup>, Hartley declarou que vibrações nervosas “fortes” que acompanham as impressões sensoriais e as ações motoras, quando repetidas muitas vezes, criam idéias no cérebro. As idéias, por sua vez, se fazem acompanhar por vibrações mais fracas, que são como miniaturas

<sup>6</sup> Embora a sua noção de vibrações nervosas seja especulativa, Hartley foi uma influência para a fisiologia européia subsequente. Lembremos que o trabalho de Hartley é prévio ao estudo experimental da fisiologia dos nervos (capítulo 14) e às descobertas do neurônio e da sinapse. Mesmo assim, as descobertas neurofisiológicas do século XIX (capítulo 16), deporiam a favor das idéias de Hartley, como a formação de conexões mais fortes em função do hábito, a transmissão de impulsos nervosos entre as partes do corpo, e mesmo a localização de correlatos cerebrais das funções mentais.

<sup>7</sup> Isaac Newton ressaltava a natureza vibratória dos impulsos do mundo físico.

das impressões sensoriais (identificamos aqui a diferença entre impressões e idéias adiantada por Hume). Pelo princípio de associação, as sensações associadas entre si muitas vezes podem excitar, na mente, as idéias umas das outras, isto é: se as sensações A, B e C, às quais correspondem as idéias a, b e c, encontram-se fortemente associadas por ocorrências simultâneas, por exemplo, o aparecimento da impressão B pode desencadear a excitação das idéias a, b e c. Por outro lado, caso a associação original fosse devida a sucessão, a provocação das idéias correspondentes ocorreria de acordo com a seqüência originalmente registrada.

### **Thomas Reid (1710-1796)**

O filósofo escocês Thomas Reid reagiu a Hume, propondo uma psicologia do senso comum. Esse senso comum consistiria em manifestações inatas e originais da consciência, como as faculdades mentais. Em seu trabalho sobre os poderes intelectuais do homem, Reid propunha uma importante distinção que tem sido aceita até hoje, entre sensação e percepção. A sensação seria a impressão bruta ocasionada nos órgãos dos sentidos, recebida antes de qualquer reflexão do indivíduo sobre o objeto que a tivesse provocado. A percepção, por outro lado, refere-se a um objeto externo à mente, e depende de uma concepção prévia do objeto potencialmente causador da impressão, acompanhada de uma crença imediata e pré-reflexiva na existência atual deste objeto. Como exemplo, é lícito perguntar o seguinte: o perfume de uma rosa está na própria rosa ou na mente da pessoa que o sentiu? Segundo Reid, aquilo que reconhecemos como sendo o perfume de uma rosa compõe-se da sensação de um odor agradável, e da percepção de que tal odor é uma qualidade de um objeto<sup>8</sup>. Essa percepção, por sua vez, é proporcionada pelo hábito: experiências anteriores com rosas, o fato de que odor está presente quando a rosa está próxima, e que ele desaparece quando ela está distante.

### O empirismo na Alemanha

Na Alemanha, a influência filosófica do racionalismo coexistirá, mais adiante, com os avanços da neurofisiologia experimental. Essa marca racionalista permanecerá até Wundt, refletida no introspeccionismo e na premissa da realidade resumida à experiência imediata.

### **Barão Christian von Wolff (1679-1754)**

Filósofo e matemático prussiano, Christian Wolff é identificado como a principal influência filosófica no meio acadêmico alemão antes de Kant (Hearnshaw, 1987). Seu sistema racionalista e matemático consistia numa sistematização do pensamento de Leibnitz (visto no capítulo 9). Contudo, Wolff não restringiu-se a veicular o pensamento de Leibnitz, chegando inclusive a substituir a noção de mônadas deste último pela de átomos, proveniente da filosofia natural. Aliás, segundo o próprio Kant, sua obra (capítulo 11) foi em grande parte uma resposta à filosofia wolffiana, inspirada pela crítica do conhecimento veiculada no trabalho de Hume<sup>9</sup>. Um dos méritos de Wolff foi ter popularizado em duas obras o vocábulo “psicologia”, uma novidade para a época. Na *Psychologia Empirica* (1732), ele organizava hierarquicamente as faculdades mentais, como sensação, memória, imaginação e vontade. Na *Psychologia Rationalis* (1734), Wolff ateu-se à escolástica medieval e à idéia de harmonia preestabelecida entre corpo e alma, de Leibnitz.

A psicologia de Wolff tem por base a vis representativa, ou seja, o poder da alma de pensar os seus próprios pensamentos (Brett, 1963). Embora assuma a noção de idéias resultantes da experiência, Wolff ressalta que a atividade psíquica cria novas entidades, não estando limitada a combinar as idéias oriundas dos processos inferiores. Nesse sentido, as propriedades psíquicas dividem-se em inferiores (involuntárias) e superiores (voluntárias). Cada experiência tem, segundo Wolff, uma parte física, a ação do organismo e produção de uma idéia material no cérebro, e outra psíquica, que começa com a atividade da alma, do inferior ao superior. Com essas afirmações, embora fosse tipicamente um filósofo racionalista, e sua psicologia empírica não fosse propriamente experimental, Wolff de certa forma abriu espaço para a psicologia experimental alemã. Isso ocorreu na medida em que tais postulados ensejaram a possibilidade de combinação entre os dados a introspecção que compõem a experiência, e as ocorrências fisiológicas. Essa possibilidade deu margem ao paralelismo psicofísico e à psicologia fisiológica de Wundt.

### **Johann Nikolaus Tetens (1736-1805)**

<sup>8</sup> Reid sugeria, assim, uma relação representacional entre o sinal e a coisa a que ele se refere, princípio que está na base da lingüística e da semiótica modernas.

<sup>9</sup> Sobre a relação entre a obra de Kant e o sistema de Wolff, há colocações contraditórias de alguns autores: enquanto Rosenfeld (1993) considera que Kant reagiu a Wolff, Hearnshaw (1987) afirma que Kant visava a reconciliar o racionalismo wolffiano com o empirismo newtoniano. Não há dúvida, no entanto, que a influência existiu.

O filósofo, matemático e economista alemão Johann Tetens foi professor de Física e Metafísica nas universidades alemãs de Rostock entre 1760 e 1776, e Kiel, de 1776 a 1789 (Brett, 1967). Tetens substituiu Wolff como principal nome da filosofia alemã, e cumpre um importante papel de transição nessa história, do dogmatismo wolffiano para o idealismo kantiano. A classificação das faculdades proposta por Tetens consistia em uma tríade mental: cognitivas (entendimento), afetivas (sentimento) e conativas (volição) (Hilgard, 1980). Esta classificação foi assumida por Kant em sua crítica das faculdades. Classificação das ações: imanentes e transientes

Tetens defendia uma psicologia empírica. Contudo, essa psicologia não poderia ser estritamente mecânica, e tampouco fisiológica. Nesse sentido, Tetens postulou para a psicologia um método específico, o psicológico. Tal método iniciava com 1) reconhecimento, através da experiência interna, das modificações da alma; 2) observações repetidas dessas mudanças, com variações nas circunstâncias; 3) identificação da origem e da ação das forças que produzem as modificações; e 4) comparação e decomposição das observações até que se separe as capacidades mais simples (elementos). Este método é considerado responsável pela introdução da introspecção na psicologia alemã, abordagem que culminaria na psicologia experimental de Wilhelm Wundt (Hilgard, 1980).

A principal obra de Tetens, publicada em 1776, chamou-se “Experimentos filosóficos sobre a natureza humana e seu desenvolvimento”<sup>10</sup>. Segundo Tetens, a função psicológica somente poderia ser explicada a partir de uma experiência, tal como uma sensação, sentimento ou imagem. Somente conhecemos nossos estados internos, embora algumas experiências tenham relação com agentes externos. Essa colocação implica numa distinção entre sensações e sentimentos. As sensações são relativas, na medida em que dependem do estado dos órgãos, referem-se a um objeto externo, tido como presente. Os sentimentos, por sua vez, também ocorrem internamente ao organismo, mas não são condicionados pela presença de um objeto externo, mas sim por modificações internas, como imagens. Segundo Tetens, ao contrário do que defenderiam os associacionistas, a relação entre um sentimento e uma idéia não é da ordem das associações, mas trata-se de uma afinidade mais próxima que aquela. Embora reconheça o papel da associação na vida mental, Tetens vai mais longe ao defender que a imaginação pode contradizer as leis da associação, criando relações que não foram efetivamente experimentadas, ou modificando a seqüência de certas associações. De acordo com essa concepção, as leis da associação, que dão conta de uma realidade na qual os dados são ordenados por si mesmos e imprimem a sua ordem na mente receptiva, são confrontadas por uma imaginação criadora que atribui à mente um caráter ativo na sua relação com o mundo externo.

### A França e as radicalizações do materialismo

O monismo materialista de la Mettrie e Cabanis, bem como o empirismo de Condillac, são movimentos paralelos ao desenvolvimento da psicofísica e da psicologia experimental alemã. Lembremos que a psicofísica respeitava o dualismo cartesiano, tanto que era definida por Fechner como a ciência das relações entre mente e corpo. A resposta alemã ao dualismo era o paralelismo psicofísico introduzido por Leibnitz e Wolff. Os materialistas franceses, por seu turno, criticavam ou contradiziam Descartes frontalmente, embora reconhecessem sua importância na formulação de uma filosofia mecânica. Na prática, as idéias de la Mettrie, Condillac e Cabanis sobre corpo e alma foram influentes, e terão repercussões importantes no principal contexto de desenvolvimento da psicologia experimental francesa: os hospitais psiquiátricos.

Uma situação ambígua caracteriza o contexto sócio-cultural no qual esses autores trabalharam. segundo a Enciclopédia Britânica (2002), la Mettrie teve de sair de Paris em 1745, após publicar seu livro “História natural da alma”, o qual chegou a ser queimado. Já o Padre Condillac deixou a mesma cidade no fim da década de 1770, em virtude do clima anti-religioso da intelectualidade parisiense. De qualquer forma, esses dados somente testemunham a efervescência do contexto francês, altamente reativo às idéias filosóficas, que podiam tanto ser aclamadas popularmente, quanto severamente detratadas.

### **Julien Offroy de la Mettrie (1709-1751)**

La Mettrie, médico e filósofo francês, estudou na Alemanha, em Leiden, e radicou-se na Holanda, de onde foi forçado a sair, terminando sua vida em Berlim. Suas principais obras são a “História natural da alma” (1745) e “O homem-máquina” (1747). La Mettrie é usualmente reconhecido por suas concepções

---

<sup>10</sup> Esta obra de Tetens poderia muito bem ser acrescentada à listagem de trabalhos ingleses apresentada anteriormente no texto. O título original alemão, “Versuche über die menschliche Natur und ihre Entwicklung”, pode tanto ser traduzido como “Ensaaios...” ou “Experimentos...”; contudo, o vocábulo alemão *versuch*, quando traduzido para “ensaio” tem a acepção de “tentativa”, e não tanto a de “ensaio” como gênero literário.

materialista, ateu e hedonista da natureza humana. Segundo ele, “Alma é apenas uma palavra vazia”, podendo ser reduzida a um princípio motor dos corpos.

Para a Mettrie, a única realidade incontestável é a matéria em movimento. Assim, os fenômenos psíquicos são diretamente relacionados a mudanças no sistema nervoso, em especial no cérebro. Essa visão consiste numa extrapolação para o ser humano da doutrina cartesiana dos animais e dos autômatos, e influenciou não somente a Mettrie, mas os materialistas franceses do século XVIII, em geral. Embora reconhecesse o mérito de Descartes em compreender os animais como máquinas<sup>11</sup>, a Mettrie perguntava-se “por que devemos considerar como duplo o que é manifestamente um único ser?”. A resposta que ele mesmo dava à pergunta é típica de um monismo materialista. Ele declarava que a ação humana é tão mecânica quanto os movimentos dos objetos inanimados, e que o corpo humano nada mais é do que um grande relógio (Herrnstein & Boring, 1971). Nos capítulos 14 e 16, notaremos que o estudo da fisiologia, e em última instância, toda a medicina, devem seu atual status científico ao esforço de se ampliar a abrangência da filosofia mecânica cartesiana, combinada ao método experimental.

Para sustentar suas posições sobre o corpo humano, que nada mais seria do que um objeto qualquer regido por um princípio de movimentos regulares, a Mettrie listava evidências de estudos realizados por outros autores. Entre essas evidências, ele ressaltava experiências com músculos que, mesmo separados do corpo mantinham a capacidade de se contraírem; o fato de o corpo de um galo, após ter a cabeça decepada, continuar em pé; e a capacidade das partes de pólipos marinhos, que não apenas se movem após extirpadas, mas também regeneram-se formando um corpo inteiro. A Mettrie considerava que esses fatos comprovavam ser desnecessário apelar a um princípio imaterial e não-observável, como a alma, para explicar os movimentos dos corpos, entendido como a manifestação da vida dos seres animados.

### **Étienne Bonnot de Condillac (1715-1780)**

Filósofo e economista francês, Condillac foi ordenado padre em 1740. Amigo de Diderot e Rousseau, ele também foi um defensor, na França, das idéias de Locke. Ele escreveu sobre as sensações, sobre os animais, sobre lógica e cálculo, e sobre as relações entre governo e comércio. Em sua teoria do conhecimento, Condillac afirmava que as observações com base na senso-percepção são o fundamento do conhecimento humano e, por consequência, que todo conhecimento humano consiste em sensação transformada. O exemplo clássico desse pensamento, dado pelo próprio Condillac, é o de uma estátua: de início ela é totalmente inerte, mas, se a ela for concedido pelo menos um dos sentidos, no caso, o olfato, ela poderá dar início à produção de idéias.

No sistema de Condillac, a ordem do espírito, diferenciada da ordem da matéria, distribui-se numa linha que vai dos automatismos dos animais passando pela sensação, origem das faculdades mentais, até a reflexão racional (Mueller, 1978). As diferenças entre essas manifestações não representam rupturas, e Condillac reconhece nos animais fragmentos de memória, julgamento e uma certa capacidade incipiente para a linguagem. A principal diferença entre eles e os humanos é o surgimento do pensamento reflexivo.

Em seu “Ensaio sobre a origem do conhecimento humano”, de 1746, Condillac analisou o problema da relação da linguagem com o pensamento racional, e defendeu a criação de uma linguagem concebida cientificamente, fundamentada em princípios matemáticos. Apesar da influência de Locke, para quem o entendimento consistia unicamente nas impressões provenientes dos sentidos e nos hábitos, Condillac identificou na linguagem, ou melhor, na “necessidade absoluta de sinais”, uma condição necessária e suficiente para se progredir da sensação à reflexão. A sensação, nesse caso, não seria uma ocorrência passiva, mas uma forma de envolvimento ativo do sujeito com o mundo exterior.

### **Pierre-Jean-Georges Cabanis (1757-1808)**

Médico, fisiologista e filósofo francês, Cabanis publicou “Relações do físico e do moral no homem” em 1802. No seu entendimento, o físico e o moral têm origem comum, qual seja, a sensibilidade física. Coerente com o associacionismo, Cabanis entendia que o único princípio para origem das idéias e dos hábitos é a faculdade de sentir (Mueller, 1978). Preocupado com a distinção entre os efeitos da inteligência e os do funcionamento orgânico, Cabanis acrescentou à psicologia da sensação externa de Condillac o aporte de uma sensação do funcionamento dos órgãos internos, ou cenestesia. Acrescenta-se que essas sensações dos estados internos seriam, em geral, de natureza inconsciente.

Cabanis explica toda a realidade humana (psíquica, mental e moral) em termos de um materialismo mecanicista: a vida é uma mera organização de forças físicas. A observação de reações faciais e movimentos corporais em indivíduos guilhotinados inspirou Cabanis a estudar os reflexos espinhais (Hothersall, 1990), e,

<sup>11</sup> La Mettrie pensava que, se Descartes conhecesse à sua época o método experimental, não cometeria os “erros” que cometeu (Herrnstein & Boring, 1971).



finalmente, a reduzir todos os fenômenos mentais e ações humanas a meros reflexos, classificados em uma escala de acordo com a complexidade. Os reflexos menos complexos independeriam do cérebro, ao contrário das funções mais complexas, como o pensamento e a volição, as quais são as únicas que ultrapassam a simples reação mecânica, e se conectam a um “eu central” (Rosenfeld, 1993). O “eu central”, contudo, é imaterial e imortal. Dessa forma, as reações dos guilhotinados eram encaradas como reflexos do nível mais simples, já que ocorriam após a separação entre cérebro e medula. Assim, Cabanis concluía que aquelas pessoas não chegavam a sentir dor, visto que o eu central não chegaria a registrar o a dor.

Para Cabanis, “alma” é um conceito supérfluo. Mais que isso, sensibilidade e inteligência são propriedades do sistema nervoso assim como outras partes do organismo têm as suas propriedades. Uma das afirmações mais notórias de Cabanis foi a de que o cérebro “secreta” o pensamento assim como o fígado secreta a bile. Na verdade, esse argumento servia como uma metáfora, um artifício explicativo diante da relativa falta de conhecimento empírico sobre o funcionamento do cérebro (final do século XVIII). Assim como os alimentos entram nas vísceras com certas propriedades originais e elas são alteradas pelo processo de digestão, as impressões sensoriais chegariam ao cérebro, isoladas e incoerentes, através dos nervos sensoriais, e lá seriam transformadas em idéias e manifestadas pela linguagem e pelos gestos. Assim, a digestão das impressões ocasionaria a secreção do pensamento.

## Conclusões

Embora não seja reconhecidamente um seguidor do materialismo, é notável o fato de que o físico e fisiologista alemão Hermann Helmholtz (a ser contemplado no capítulo 14) confirme cabalmente o materialismo ao postular o princípio da conservação de energia nos corpos vivos. Segundo esse princípio, a ação dos corpos animados deve-se a processos físicos e químicos, e não a algum tipo de intervenção divina. Segundo Wertheimer (1991), os cientistas alemães tendiam a adotar premissas metafísicas contraditórias com as suas orientações epistemológicas. Na prática, percebemos que as idéias empiristas, associacionistas e materialistas encontravam-se emergindo paralelamente nas diversas culturas científicas e filosóficas da Europa no século XVIII.

O associacionismo e o empirismo constituirão bases sólidas para o estudo experimental da anatomia e da fisiologia das sensações, que culminarão por sua vez na Psicofísica e na Psicologia Fisiológica. Até então, a Psicologia, embora fosse uma disciplina, ainda não era uma ciência. Ela tornar-se-á uma ciência autônoma justamente em Wundt, cujos objetivos eram explorar os “elementos da experiência consciente e as leis que regem a sua associação”.

A preocupação epistemológica com a origem e as condições do conhecimento verdadeiro foi a base para as formulações dos filósofos ingleses. Assim, à medida em que elaboravam um conjunto de leis para a associação das idéias, eles definiam uma ontologia para a realidade mental. Na própria Inglaterra, a influência do associacionismo sobre a psicologia, nesse sentido, será temporariamente reduzida por força da primazia das idéias evolucionistas derivadas de Darwin. Contudo, o princípio de associação será retomado como fundamento da vida mental por teorias que o combinarão com uma visão biológico-evolutiva. A psicanálise é grandemente embasada na associação de idéias como modelo para o psiquismo inconsciente regido pelos instintos. O behaviorismo radical, por seu turno, ampara-se claramente nas associações entre estímulos ambientais e respostas do organismo, considera o organismo como tabula rasa, e enfatiza a aprendizagem pelo hábito como fundamento do repertório comportamental.

No caso dos materialistas franceses, suas observações de casos médicos e das mortes na guilhotina, por exemplo, favoreceram um entendimento da mente a partir das suas disfunções. O materialismo dos franceses Condillac, la Mettrie e Cabanis não foi constituiu uma linha de influência direta sobre a psicologia científica, tanto que a psicofísica, embrião da psicologia experimental, era dualista e ocupava-se explicitamente da relação entre mente e corpo. A influência mais notável dos materialistas franceses será experimentada pela Medicina e, mais especificamente, pela psiquiatria. O materialismo está ligado ao entendimento não-esotérico da alienação mental, e ao abandono da concepção de lunatismo em adoecimento, fenômeno passível de diagnóstico e tratamento como qualquer afecção do corpo (ver capítulo 16). Já os alemães privilegiaram a taxonomia das atividades mentais, correspondente à psicologia das faculdades. Esse era o conceito de psicologia empírica proposto por Wolff, que exerceu uma grande influência da filosofia alemã.

## Referências

- Abbagnano, Nicola (2000). Dicionário de filosofia [Trad. A. Bosi]. São Paulo: Martins Fontes. (Original publicado em 1971).  
Ayers, Michael (2000). Locke: Idéias e coisas (Coleção Grandes Filósofos) [Trad. J. O. A. Marques]. São Paulo: Unesp.

- Bonin, Werner F. (1991). *Diccionario de los grandes psicólogos: De las ciencias del espíritu a las ciencias de la conducta* [Trad. B. A. Klein] México: Fondo de Cultura Económica.
- Brett, George S. (1963). *Historia de la psicología*. Buenos Aires: Piados.
- Ferrater Mora, José (2001). *Dicionário de filosofia* [Trad. M. S. Gonçalves, A. U. Sobral, M. Bagno & N. N. Campanário]. São Paulo: Loyola.
- Hearnshaw, Leslie S. (1987). *The shaping of modern psychology*. London: Routledge.
- Herrnstein, Richard J.; & Boring, Edwin G. (Orgs.) (1971). *Textos básicos de história da psicologia* [Trad. D. M. Leite]. São Paulo: Herder / Editora da USP.
- Hilgard, Ernest R. (1980). The trilogy of mind: Cognition, affection and conation. *Journal of the History of Behavioral Sciences*, 16, 107-117.
- Hothersall, David (1990). *History of psychology*. New York: McGraw-Hill.
- Mueller, Fernand-Lucien (1978). *História da psicologia*. [Trad. A. O. Aguiar; J. B. D. Penna; L. L. Oliveira; & M. A. Blandy]. São Paulo: Companhia Editora Nacional.
- Quinton, Anthony (1999). *Hume (Coleção Grandes Filósofos)* [Trad. J. O. A. Marques]. São Paulo: Unesp.
- Rosenfeld, Anatol (1993). *O pensamento psicológico*. São Paulo: Perspectiva.
- Wertheimer, Michael (1991). *Pequena história da psicologia* [Trad. L. L. Oliveira]. São Paulo: Companhia Editora Nacional. (Original publicado em 1970)

---

## DESENVOLVIMENTOS NO SÉCULO XVIII (excerto - Kant)

Leslie Spencer Hearnshaw

Hearnshaw, L. S. (1987). *The shaping of modern psychology* (Capítulo 7, pp. 89-107). London: Routledge. (Tradução de W. B. Gomes.) - Traduzindo para fins de ensino. Revisão de Eduardo A. S. dos Santos & Gustavo Gauer

Com Immanuel Kant (1724-1804) chegamos a uma figura monumental, cuja ‘revolução copernicana’ marcará profundamente a história da filosofia ocidental. Kant passou quase toda sua vida em Königsberg, onde nasceu, educou-se, e mais tarde tornou-se professor. Sua formação, em seus anos universitários, estava alicerçada na filosofia de Wolff e na física de Newton. Sua filosofia crítica pode ser considerada como uma tentativa de reconciliar o racionalismo de Wolff com a física empírica e exata de Newton. Kant não foi um psicólogo e há opiniões divergentes quanto à influência de sua confusa e difícil filosofia sobre a psicologia. Alguns o consideram como ‘um desastre para a filosofia’.<sup>60</sup> Por outro lado, também se diz que ‘Kant, mais que qualquer outro filósofo do século XVIII, influenciou profundamente a psicologia desde o seu tempo’.<sup>61</sup> Talvez a verdade seja, como se tem sido sugerido recentemente, que ‘a herança de Kant para a psicologia foi um desafio’.<sup>62</sup> A própria atitude de Kant sobre a possibilidade de uma ciência psicológica foi ambivalente e as implicações de sua filosofia crítica para a psicologia foram contraditórias. Por várias razões Kant sustentou que era impossível estabelecer uma ciência própria dos sentidos internos. Ele considerava que a quantificação era a marca da verdadeira ciência, e que os sentidos internos não poderiam ser quantificados. Também, não poderiam ser submetidos à análise experimental, uma vez que a introspecção estava confinada ao senso interno, e alterava o que estava sendo observado.<sup>63</sup> Assim, a psicologia não poderia ser mais que uma ciência histórica e descritiva, e não uma ciência em seu verdadeiro sentido. Desde que todos os fenômenos seguem regras, ‘a experiência de nossas próprias faculdades ocorrem de acordo com estas regras’.<sup>64</sup> Não estava excluindo ‘um tipo de fisiologia dos sentidos internos’<sup>65</sup> baseada na observação dos movimentos dos nossos pensamentos e nas leis naturais do eu pensante. Em sua *Anthropology from a Pragmatical Point of View* (1798) ele abordou a natureza humana de um ponto de vista empírico e discutiu o funcionamento da mente. Existem, ainda, muitos outros aspectos realmente importantes para a psicologia na filosofia kantiana.<sup>66</sup>

Na sua tentativa de escapar do conflito entre racionalistas e empiricistas, e do caminho sem saída para qual Hume havia lançado a teoria do conhecimento, Kant propôs que sempre e necessariamente haverá dois componentes no conhecimento: intuições (senso) e conceito (pensamento) - uma proposta que expressa sucintamente seu conhecido aforismo (‘Pensamentos sem conteúdos são vazios, e intuições sem conceitos são cegos’).<sup>67</sup> Tanto os empiricistas na tentativa de derivar o conhecimento dos elementos sensoriais, quanto os racionalistas na tentativa de derivar o conhecimento da razão estão equivocados. Nas próprias palavras de Kant ‘Leibniz intelectualizou os fenômenos do mesmo modo que Locke sensualizou os conceitos do entendimento’.<sup>68</sup> Ambos estavam presos a um só lado. Toda a experiência, quer dizer, o mundo fenomenal que constitui nossa consciência, é uma construção sintética. Síntese precede qualquer análise possível, e esta síntese, inevitavelmente construída em um enquadre a priori, rende-se para o mundo fenomenal inteligível. Este enquadre reúne as duas formas puras da intuição sensível, espaço e tempo, correspondendo respectivamente ao senso externo e interno, e a um conjunto de categorias a priori, uma das quais é a categoria de causa. Assim, nós vemos o mundo inevitavelmente em termos espaço-temporal e causal. O conhecimento humano está confinado em um mundo fenomenal, o mundo sinteticamente construído que nós experienciamos. Ele não pode ir além da cortina fenomenal para o mundo noumenal, o mundo das próprias

coisas. Desta forma, Kant legitimou o conhecimento dentro do mundo de nossa experiência e excluiu o conhecimento metafísico da realidade última e da natureza da alma. Seu argumento era o seguinte: ‘a psicologia racional inteira é impossível enquanto ultrapasse os poderes da razão humana.’ Isto limpou o ar de muitas especulações inúteis!

Bem distante desta conclusão saudável havia um grande número de outras implicações importantes para a psicologia procedentes das doutrinas de Kant. Primeiro, a dicotomia entre mente e matéria herdada de Descartes estava sendo superada. De acordo com Kant a mente tem implicações sobre o que é conhecível a respeito da matéria; e a matéria tem implicações sobre o que é conhecível pela mente. A distinção não era entre mente e matéria, mas entre uma composição fenomenal do mundo da experiência e uma realidade noumenal desconhecida. O que está implícito é a existência de um elemento subjetivo inevitável no nosso conhecimento do mundo externo; mas igualmente que era impossível estudar consciência per se sem considerar sua relação com o mundo externo. Foi uma mudança na direção de um estudo da mente através de seu comportamento e de suas interações com o ambiente.

Segundo, porque a experiência consciente era essencialmente o resultado de um processo sintético e estava sempre organizada e unificada. Kant abandonou o puro ego da psicologia racionalista e o substituiu pelo que chamou de ‘a unidade transcendental da apercepção’. ‘Nenhum conhecimento acontecerá em nós ...sem a unidade da consciência que precede aos dados de todas as intuições, e sem a qual nenhuma representação de objeto é possível.’<sup>70</sup> Kant, em outras palavras, rejeitou as concepções atomistas dos empiricistas, e com ela o papel central da associação de idéias. Como Kemp Smith escreveu em seus ‘Commentary to Kant’s Critique’ ‘Idéias não se tornam associadas por meramente coexistirem. Elas podem ocorrer juntas em uma consciência unitária. ... Associação é fundada na transcendência.’<sup>71</sup> Quer dizer, o princípio da associação fundamenta-se numa atividade sintética a priori que por si faz possível a consciência. Temos aí uma mudança, da visão mecânica de mente para um visão orgânica.

Terceiro, a doutrina de Kant, limitando o domínio do conhecimento para o mundo fenomenal, ao mesmo tempo legitimou outros aspectos da experiência, em particular a experiência moral e a experiência estética. Estes aspectos não foram necessariamente excluídos da realidade por não existir lugar para eles no mundo determinístico do universo físico. A experiência da liberdade moral e as intuições dos valores estéticos, eram igualmente válidos, como Kant argumentou em sua segunda e terceira críticas, A Crítica da Razão Prática (1788) e A Crítica do Julgamento (1790). Em outras palavras, ‘Eu tinha que remover o conhecimento, para criar um espaço para crer.’<sup>72</sup> Esta posição movimentou-se na direção de uma psicologia do ego no qual os valores tomam parte importante.

Estas implicações para psicologia permanecem importantes mesmo apesar da filosofia kantiana ter saído de moda em alguns aspectos. As concepções sobre categorias a priori de Kant estavam limitadas as idéias de seu próprio tempo e baseadas na física newtoniana com seus postulados de espaço e tempo absolutos, na geometria euclidiana, e na biologia não-evolutiva. O estranho mundo da física e matemática não seguem mais a doutrina kantiana. A essência dos ensinamentos de Kant, tanto quanto concernem à psicologia, contudo, podem ser revistos em termos modernos. Desenvolvimentos posteriores, incluindo a teoria dos construtos pessoais de Kelly, inspiraram-se em Kant, e Konrad Lorenz apontou para afinidades entre o movimento etológico e Kant. Como Lorenz escreveu,

A grande e fundamental descoberta de Kant foi que o pensamento e a percepção humana tinham certas estruturas funcionais a priori de cada experiência individual. ... O a priori deve-se a diferenciações hereditárias do sistema nervoso central que têm tornado-se características das espécies, produzindo disposições hereditárias para pensar de determinadas formas.<sup>73</sup>

Assim Kant permanece relevante, independente de suas contribuições para novos movimentos em filosofia, que por sua vez ajudaram a construir a psicologia, e independente do fato que somente trinta anos depois da morte de Kant ocorreu no trabalho de Johannes Müller um casamento entre fisiologia e psicologia resultando em novos e radicais desenvolvimentos jamais imaginados por Kant.<sup>74</sup>